

# humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA  
MCMXLVIII-MCMXLIX

Saudamos o autor desta documentada monografia pelas excelentes qualidades que manifesta, de trabalho, concisão, clareza e noticiosa erudição, que muito o honram e obrigam nos seus escritos futuros.

P.<sup>e</sup> ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA

## ESTUDOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS

FRANCISCO CAPELLO — *Historia de la Literatura Griega*. Buenos Aires, «Coni», 1941-1947. 3 tomos. Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Publicaciones del Instituto de Literaturas Clásicas. Série especial. Volumen 11.

A Argentina possui dois notáveis centros de cultura clássica, ambos com excelente e abundante produção editorial: o de Mendoza (Universidade Nacional de Cuyo), com a *Revista de Estudios Clásicos*, e em que o grande animador foi até há pouco Lorenzo N. Mascialino, e o de Buenos Aires, na Faculdade de Filosofia e Letras, com um Instituto de Literaturas Clássicas, dirigido pelo sábio Prof. Enrique François e cuja actividade é digna dos maiores louvores. As publicações deste Instituto abrangem várias séries: a — Biblioteca de latinidade argentina; b— Biblioteca argentina de filologia clássica; c — Colecção de textos gregos e latinos; d — Anais. Na série c mencionaremos uma erudita edição do *Miles gloriosus*, devida aos cuidados de Enrique François. Existe ainda uma série especial, em que se publicam trabalhos de grande envergadura científica, como os *Estudios Latinos* de José Tarnassi, e à qual pertence esta bela *História da Literatura Grega*, do notável helenista Francisco Capello, que durante largos anos exerceu proficientemente o ensino das letras gregas na Universidade de Buenos Aires.

Nascido na Itália, discípulo querido do professor Inama, foi estabelecer-se muito novo na Argentina. A Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires, fundada em 1896, tivera desde logo um curso de Literatura Latina, confiado a outro ilustre sábio italiano, Tarnassi. Criou-se uma cátedra de Língua Grega, facultativa até 1903, e Francisco Capello foi proposto interinamente para a sua regencia. Em 1904 era-lhe confiada a nova cadeira de Literatura Grega, e provido nela definitivamente em 1907.

Durante muitos anos Capello ensinou em Buenos Aires, preparando cuidadosamente várias gerações, a quem ministrava a cultura clássica, numa forma rigorosamente segura, coada através da sua poderosa originalidade e profundo senso pedagógico, que o levava a prolongar as suas aulas em amenas conversas com os alunos,— a evocação do mundo clássico, na agitação das ruas da grande metrópole moderna.

As lições do mestre tinham ficado, porém, inéditas. Quando octogênio e já jubilado da sua cátedra, acedeu finalmente ao pedido dos seus

amigos e discípulos e concordou com a desejada publicação. A base seriam os cadernos em que as reunira, mas Capello quis reduzir-lhes o tamanho, suprimir digressões críticas e afastar a preocupação da erudição.

O Instituto de Literaturas Clássicas da Faculdade onde Capello professara encarregou-se da publicação, e apresenta-nos uma esplêndida obra em três volumes, com esmerado aspecto gráfico, que a fotografia do A. e respectiva assinatura fac-similada enriquece e cuja consulta é facilitada por quatro copiosos e bem elaborados índices. O A. estabeleceu uma cuidadosa ordenação das matérias que foi respeitada, acrescentando-se, porém, os títulos dos parágrafos e os índices.

O tomo i abrange os capítulos 1 a xv ; o II os capítulos xvi a xxvii; o iii, além dos capítulos xxix a xxxi, que completam a História da Literatura Sistemática, encerra ainda, sob o título de *Varia*, a reprodução de diversos estudos relativos à história literária grega, que o A. tinha dispersos em revistas de especialidade.

O sumário é o seguinte:

*História da Literatura*:—I. Generalidades. Os primeiros gregos; a civilização homérica ; os aedos.—II. Homero. A I *liada*. — iii. A *Odisseia*. Obras menores. — iv. O rapsodismo. — v. Hesíodo. — vi. Poetas épicos posteriores.— vii. A épica alexandrina. — viii. A elegia. — ix. O iambo. — x. O epigrama. — xi. Os primeiros filósofos. — xii. O desenvolvimento da mélica. — xiii. A mélica monódica. — xiv. A mélica coral. — xv. A lírica alexandrina. — xvi. A tragédia. Origens. Os primeiros trágicos.— xvii. Esquilo. — xviii. Sófocles. — xix. Eurípides. — xx. Os trágicos menores. — xxi. A comédia. — xxii. Aristófanes. — xxiii. A comédia depois de Aristófanes. — xxiv. O desenvolvimento da história. — xxv. Época dos grandes historiadores. — xxvi. A história na época de Alexandre. — xxvii. A história na época romana.— xxviii. A novela e a sofística, com a inclusão de epistológrafos e gramáticos. — xxix. A oratória.— xxx. A antiga poesia religiosa. Poetas anteriores a Homero e poetas religiosos. — xxxi. A filosofia.

*Varia*: — Poetas gregos anteriores a Homero. — A pátria de Homero. — Homero. A civilização em Creta. A *Iliada*. — O tema da *Iliada*. — Wolf e a questão homérica. — Hesíodo. Obras de Hesíodo. *Os Trabalhos e os Dias*. A *Teogonia*. *Catálogo das Mulheres*. *Grandes Eeias*. — Hecateu. Teógnis. Safo. A música e o sentimento na poesia de Safo. Píndaro *Olimpicas*, I, II e vii. — *Quaestiones Bacchylidae*. — Oradores gregos — Platão e Aristóteles.

O professor Capello trabalhou nesta obra até à véspera da sua morte, aos 87 anos, em 9 de Julho de 1946. Foi assim particularmente difícil a preparação do terceiro tomo, que sai em 1947, confiada quase totalmente à secretária do Instituto de Literaturas Clássicas, «señorita» Arminda Celia Castagnino.

O critério seguido pelo A. foi o de tratar a matéria segundo a evolução dos géneros literários, embora, sempre dentro deste sistema, se consagrem capítulos especiais a alguns dos escritores maiores. Nota-se o cuidado da informação tanto quanto possível actualizada, de apresentar

o estado actual das questões e n síntese rápida, mas segura. A erudição discreta, a simplicidade estribada em sólidas bases, que só urna documentação cuidada produz, a originalidade, mais nítida ainda nos artigos dos *Varia* — por ex., nos relativos à questão homérica, à música e ao sentimento na poesia de Safo—, tudo isto torna agradável e recomendável esta bela *História da Literatura Grega*, fruto do ensino de um grande professor e que podemos ler devido à gratidão dos discípulos e amigos, da Faculdade onde durante muitos anos ensinou.

FELISBERTO MARTINS

JACQUES PERRET — *Les origines de la légende troyenne de Rome (281-31)*. Collection d'études anciennes publiée sous le patronage de l'Association Guillaume Budé. Paris, Société d'édition «Les Belles Lettres», 1942. xxx 4678 - pages, in 8°.

La légende troyenne de Rome aboutit à donner aux fondateurs éponymes, Romulus et Remus, le troyen Aineias pour ancêtre plus ou moins proche. Est-elle un cas banal entre beaucoup d'autres du cycle des fondations héroïques établies sur le littoral méditerranéen par des personnages de l'épopée homérique et doit-elle le relief qu'elle a pris dans la littérature uniquement à la situation impériale acquise par Rome? Cette théorie a été acceptée plus ou moins implicitement par un grand nombre d'historiens. Les Grecs qui couvrirent de leurs colonies les côtes de ritalie méridionale auraient voulu trouver des précurseurs dans la légende héroïque de leur race et auraient même fait place aux vaincus dispersés d'Illion; telle est la théorie avancée par F. Lenormarit dans son ouvrage sur *La Grande Grèce* (Paris 1881-1884). Ettore Pais ne s'en contente pas et cherche aux légendes troyennes une explication différente: les colons Grecs auraient donné le nom de Troyens aux populations indigènes qui s'opposèrent à leur établissement; Wilamowitz admet lui aussi que la légende troyenne apparaît là seulement où les Grecs se sont heurtés aux indigènes. Une opinion aujourd'hui plus en faveur attribue à ces légendes une origine religieuse et y voit le témoignage d'une expansion vers l'Occident de certains cultes de l'Asie mineure; Aineias serait le héros éponyme d'une corporation sacerdotale vouée au culte d'Aphrodite Aineias qui aurait été vénérée au pied du Mont Ida.

Jacques Perret n'accepte aucune de ces théories; la légende troyenne de Rome, pour lui, ne se confond pas avec les légendes parallèles; elle apparaît à un moment précis, et assez tardif, de l'histoire de Rome et avec des caractères très particuliers dont aucune explication générale ne rend compte.

Dans une première partie, *Les localisations d'Enée* (pp. 13-124), il parcourt sur les traces d'Enée un grand nombre des lieux où furent localisés les légendes troyennes. La plus anciennement attestée est celle de la ville d'Aineia en Thrace, fondée par Enée, selon un fragment de l'historien